

POLÍTICA HIGIENISTA NO ESTADO DO CEARÁ: a atuação dos dentistas no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua no século XX

Limária Araújo Mouta¹
Francinalda Machado Stascxak²
Lia Machado Fiuza Fialho³

Resumo: A pesquisa insere-se no campo da História da Educação e teve como objetivo analisar como se deu a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, na cidade de Fortaleza-CE, como uma prática de higienismo e de combate às doenças infantis. A partir do entrecruzamento de diversas fontes, orais (Alberti, 2005; Ferreira; Amado, 2005), documentais e imagéticas (Burke, 2004) questionamos como atuavam os dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua para atender às expectativas higienistas do século XX, de profilaxia e de combate às doenças, principalmente aquelas que estavam relacionadas às crianças no ambiente escolar. Os resultados apontaram que a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua foi um exemplo desta política de estado que almejava incutir nas crianças hábitos de ordem e higiene.

Palavras-chave: História da Educação; Grupo Escolar; Dentista; Higienismo.

HYGIENE POLICY IN THE STATE OF CEARÁ: the role of dentists at the Clóvis Beviláqua School Group in the 20th century

Abstract: This research, which falls within the field of History of Education, aims to analyze the work of dentists at the Clóvis Beviláqua School Group in Fortaleza, Ceará, as a practice of hygiene and combating childhood diseases. By cross-referencing various sources—oral (Alberti, 2005; Ferreira; Amado, 2005), documentary, and visual (Burke, 2004) —we examine how the dentists at the Clóvis Beviláqua School Group acted to meet 20th-century hygienist expectations for disease prevention and control, particularly those related to

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Mestra em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). Professora da rede estadual de educação do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9161-8927>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6035071300013937>. E-mail: limariamouta@hotmail.com

² Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - UECE, Especialista em Formação de Formadores (UECE), Especialista em Gestão Escolar (UNI7), graduada em Letras (UVA). Membro do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). Professora da rede municipal de educação de Fortaleza. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1688-6259>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5931710025183515>. E-mail: naldastascxak@gmail.com

³ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará (orientadora de pós-doutorado, doutorado, mestrado e iniciação científica). Pesquisadora Produtividade em Pesquisa CNPQ 2. Líder do grupo de pesquisa Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO/UECE). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4614894191113114>. E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

children in the school environment. The results indicate that the work of the dentists at the Clóvis Beviláqua School Group exemplified this state policy that aimed to instill habits of order and hygiene in children.

Keywords: History of Education; School Group; Dentist; Hygienism.

POLÍTICA HIGIENISTA EN EL ESTADO DE CEARÁ: la actuación de los dentistas en el Grupo Escolar Clóvis Beviláqua en el siglo XX

Resumen: La investigación se inscribe en el campo de la Historia de la Educación y tuvo como objetivo analizar cómo actuaban los dentistas del Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, en la ciudad de Fortaleza-CE, como una práctica de higienismo y de combate a las enfermedades infantiles. A partir del cruce de diversas fuentes, orales (Alberti, 2005; Ferreira; Amado, 2005), documentales e icónicas (Burke, 2004), cuestionamos cómo actuaban los dentistas del Grupo Escolar Clóvis Beviláqua para satisfacer las expectativas higienistas del siglo XX en materia de profilaxis y lucha contra las enfermedades, especialmente aquellas relacionadas con los niños en el entorno escolar. Los resultados indicaron que la actuación de los dentistas del Grupo Escolar Clóvis Beviláqua fue un ejemplo de esta política estatal que pretendía inculcar en los niños hábitos de orden e higiene.

Palabras clave: Historia de la educación; Grupo escolar; Dentista; Higienismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no campo da história da educação e trata dos princípios higienistas que começaram a vigorar no Brasil por volta do início do século XX, implantados no espaço escolar por ser um locus considerado estratégico para difundir hábitos e ideais sanitaristas. A preocupação com o bem-estar da vida nas cidades começou a ser de grande importância para as autoridades do período, principalmente pela quantidade de epidemias que assolavam o território nacional.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de compreender como as políticas higienistas do início do século XX influenciaram o cotidiano escolar, especialmente por meio da atuação dos dentistas junto às crianças. Com uma trajetória institucional centenária e múltiplas denominações ao longo do tempo, o Grupo Escolar Clóvis Beviláqua representa um caso emblemático de intervenção estatal voltada à implantação de hábitos de ordem, higiene e prevenção de doenças. Diante da escassez de estudos que detalham o papel dos

dentistas no espaço escolar enquanto agentes do higienismo, este trabalho busca suprir tal lacuna, reafirmando a importância da pesquisa histórica para a compreensão dos processos educativos e sanitários.

Problematizamos, portanto, como se deu a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, considerando as expectativas higienistas da época e as estratégias de profilaxia voltadas ao combate das doenças infantis, sobretudo aquelas que se relacionavam diretamente às crianças que circundavam o ambiente escolar. Questionamos, assim, de que maneira esses profissionais contribuíram para atender às demandas do Estado e para incutir nas crianças hábitos de higiene e saúde, conforme as diretrizes vigentes do período. Diante disso, o objetivo central deste trabalho consistiu em analisar a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua como prática de higienismo e combate às doenças infantis, a partir do entrecruzamento de diversas fontes históricas - orais, documentais e imagéticas.

Nesse sentido, a metodologia adotada do entrecruzamento de fontes, privilegia o suporte da História Oral, fundamentando-se na valorização da memória como chave para a compreensão da vida humana. A utilização de entrevistas, documentos oficiais e registros visuais permite ampliar e diversificar o corpus de análise, enriquecendo significativamente o estudo do cotidiano escolar e das práticas de saúde implementadas no contexto educacional de Fortaleza-CE no início do século XX.

A fim de estruturação e compreensão leitora, este artigo está organizado em quatro seções principais. Na Introdução, apresentamos o contexto histórico da relação entre educação e saúde no Brasil, com foco nos Grupos Escolares e na atuação dos dentistas como agentes de difusão dos princípios higienistas, especialmente no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua em Fortaleza.

Na seção Caminhos teórico-metodológicos, baseamo-nos na História Oral, valorizando as narrativas dos participantes, entrecruzada com outras fontes como documentos oficiais e registros visuais para ampliar e diversificar o corpus de análise. Já na seção Resultados e discussões, são analisadas as práticas higienistas implementadas pelos dentistas na escola, as estratégias de

profilaxia adotadas e o impacto dessas ações no cotidiano escolar e na saúde das crianças, considerando ainda as expectativas e diretrizes do Estado. Por fim, nas considerações finais, este escrito sintetiza os principais achados da pesquisa, destacando a relevância da abordagem histórica para compreender os processos educativos e sanitários, bem como aponta para a necessidade de novos estudos sobre a interface entre saúde e educação no contexto escolar brasileiro.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No âmbito da História Cultural, a metodologia adotada, estudo qualitativo com análise documental, neste estudo ganha contornos ainda mais significativos (Barros, 2020), uma vez que privilegia a escuta de indivíduos comuns - entrecruzada por outras fontes diversas -, que tiveram suas vidas perpassadas pelo cotidiano do ambiente escolar em questão, o Grupo Escolar Clóvis Beviláqua.

Nesse contexto, “revisitar a história de uma instituição escolar, por meio de memórias, enseja uma riqueza de subjetividades imbricadas nas narrativas da história da educação de um lugar” (Fialho; Costa, 2020, p. 860). Assim, a perspectiva da História Cultural permite compreender como a história de uma instituição pode significar um espaço de produção e circulação de saberes, práticas e representações sobre saúde, higiene e educação.

O suporte metodológico da História Oral foi de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa, já que, segundo Jucá (2011, p. 52), ela oferece “uma possibilidade de diversificar as fontes a serem trabalhadas, passando a valorizar o significado da memória na compreensão da vida humana”. O que representa uma forma de compreender um contexto a partir das memórias de um indivíduo que vivenciou um dado momento histórico, como o abordado aqui neste escrito.

Ainda que as fontes orais tenham sido as principais (Alberti, 2005; Ferreira; Amado, 2005), também foram utilizados documentos e imagens

(Burke, 2004) e fontes jornalísticas (Vidal, 1994). Os documentos oficiais são principalmente relatórios e boletins da inspeção escolar, assim como matérias de jornais que falam sobre as obras do prédio do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua. Além disso, conseguimos entrevistar os familiares de uma ex-diretora do Grupo Escolar, Maria Margarida de Castro Almeida, José de Castro Almeida (filho) e Maria Thereza Araújo Almeida (nora e ex-professora do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua).

As entrevistas foram realizadas no dia 07 de dezembro de 2024 na casa dos respectivos entrevistados. Vale salientar que os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, sendo a entrevista transcrita e validada posteriormente (Flick, 2009). Importa destacar que, para este trabalho, é-nos mais cara a fala de Maria Thereza, que se destacou como colaboradora, já que ela também se formou professora entre os anos de 1964 e 1967, e no começo de sua carreira, atuou no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua sob a direção de Maria Margarida de Castro Almeida.

Com os familiares, encontramos ainda um álbum com mais de 50 fotografias do cotidiano escolar do Grupo Clóvis Beviláqua. É interessante frisar sobre o risco de se trabalhar com fotografias, pois ficamos sempre no impulso de tratá-las como reflexo do real, pois “as tentações do realismo, mais exatamente de tomar uma imagem pela realidade, são particularmente sedutoras, no que se refere a fotografias e retratos” (Burke, 2004, p. 25).

Diante disso, é importante o entrecruzamento com as mais variadas fontes históricas, pois se não é possível chegarmos ao real, já que as fontes são representações do passado, podemos aproximar-nos dele, à medida que as fontes dialogam. Dentre as imagens encontradas no álbum, destacamos as da atuação dos dentistas dentro do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua e suas participações em festividades desta instituição.

Os jornais também foram uma fonte importante para esta pesquisa. Ao pesquisar pelos nomes do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua (pois como veremos adiante, ele teve mais de um) na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos algumas matérias que faziam referência a essa instituição. Dentre

elas, a que mais nos chamou a atenção foi a que noticiava as obras de reforma do prédio em 1922.

As fontes jornalísticas são importantes como todas as outras, pois, ao serem acolhidas, questionadas e entrecruzadas, ela torna-nos mais próximas do objeto pesquisado. Para Tânia Regina de Luca:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só, já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade a alguma coisa (Luca, 2021, p. 140).

Alguns documentos de cunho oficial também foram analisados para este trabalho. Eles foram encontrados no Arquivo Público do Estado do Ceará e fazem parte do acervo da Instrução Pública do século XX. Foram encontrados Boletins de Inspeção Escolar do Inspetor Regional de Ensino, Juarez Brasil. Sobre as fontes documentais, é relevante observar que:

A relação entre os historiadores e as fontes documentais, mais especificamente as que se encontram em arquivos, não foi sempre a mesma, como nos mostram importantes e divulgados trabalhos da Historiografia. Dos que viam nos documentos fontes de verdade, testemunhos neutros do passado, aos que analisam seus discursos, reconhecem seus vieses, desconstruem seu conteúdo, contextualizam suas visões, muito se passou e, como foi dito, pode ser estudado na ampla bibliografia à disposição sobre o assunto, de fácil acesso aos leitores (Bacellar, 2021, p. 25).

É importante salientar que, foi a Nova História (Le Goff, 1990) que tornou possível este trabalho. Ela possibilitou-nos tornar tudo aquilo que os seres humanos tocam em objetos e fontes da história. Toda a análise depende das perguntas realizadas a cada uma dessas fontes. Se houver respostas, esta caberá à análise do pesquisador. Sendo assim, a partir do entrecruzamento dessas fontes, pretendemos entender melhor como atuavam os dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua para atender às expectativas higienistas do século XX, de profilaxia e combate às doenças. A fim de estruturação e compreensão leitora, este artigo está organizado em quatro seções principais. Na Introdução, apresentamos o contexto histórico da relação entre educação e

saúde no Brasil, com foco nos Grupos Escolares e na atuação dos dentistas como agentes de difusão dos princípios higienistas, especialmente no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua em Fortaleza.

Na seção Caminhos teórico-metodológicos, baseamo-nos na História Oral, valorizando as narrativas dos participantes, entrecruzada com outras fontes como documentos oficiais e registros visuais para ampliar e diversificar o corpus de análise. Já na seção Resultados e discussões, são analisadas as práticas higienistas implementadas pelos dentistas na escola, as estratégias de profilaxia adotadas e o impacto dessas ações no cotidiano escolar e na saúde das crianças, considerando ainda as expectativas e diretrizes do Estado. Por fim, nas considerações finais, este escrito sintetiza os principais achados da pesquisa, destacando a relevância da abordagem histórica para compreender os processos educativos e sanitários, bem como aponta para a necessidade de novos estudos sobre a interface entre saúde e educação no contexto escolar brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O higienismo tornou-se uma prática que adentrou o ambiente escolar brasileiro no início do século XX. Dessa forma, é fundamental situar o contexto social e sanitário que marcou o contexto cearense. Época em que o país vivenciava profundas transformações urbanas, ao mesmo tempo em que enfrentava graves desafios relacionados à saúde pública, especialmente devido ao avanço de epidemias em centros urbanos.

Nesse cenário, as autoridades e intelectuais começaram a apontar a urgência de medidas que associassem educação e saúde como formas de promoção do bem-estar coletivo e de combate aos problemas sanitários da época. Essa mudança de perspectiva é evidenciada por Santiago (2011, p. 121) ao ponderar que:

No Brasil, contudo, foi na passagem do século XIX e início do XX, como já assinalado, que surgiu um maior cuidado com as condições

sanitárias de espaços coletivos, preocupação esta decorrente de inúmeras epidemias que se alastraram em várias cidades brasileiras. As descobertas nos campos da saúde foram aos poucos induzindo os poderes públicos a aplicar os princípios da profilaxia para minimizar os efeitos nocivos da falta de higiene.

Nesse período, teve início um movimento que agregava a educação das crianças aos cuidados com a saúde no espaço da escola. Destacamos os Grupos Escolares, recém-criados, que tinham um modelo de organização do ensino primário padronizado e racionalizado com o objetivo de atender a um grande número de crianças. Era então uma instituição educativa voltada para a escolarização das massas, onde as crianças eram classificadas em seções, em salas separadas, sob a orientação de um professor (Souza, 2014).

Terceiro Grupo Escolar (1916), Grupo Escolar do Outeiro (1923), Grupo Escolar Santos Dumont (1930) e Grupo Escolar Clóvis Beviláqua (1947) são denominações atribuídas a uma mesma escola localizada na Avenida Dom Manuel, foi fundada no ano de 1916 em meio ao auge da política higienista na cidade de Fortaleza (Santiago, 2011). Sendo uma instituição de mais de cem anos, é compreensível as várias nomenclaturas dadas a essa instituição ao longo dos anos (Lima, 2019).

O Grupo Escolar Clóvis Beviláqua foi fundado em 1916 em um prédio de propriedade da União do Clero de Fortaleza, tendo como denominação Terceiro Grupo Escolar. Nesse espaço, funcionavam turmas de ensino primário de 1ª a 4ª série. Como observado por Lima (2019, p. 145), o grupo

Foi organizado, como também adaptado e renomeado em 1922, nos moldes da maioria dos novos grupos que ocupavam prédios construídos e destinados a serem escolas, logo, as estruturas do prédio do Outeiro não diferiam das ordenações previstas para a estruturação das intervenções escolares sobre o que tange ao pedagógico quanto ao higienismo.

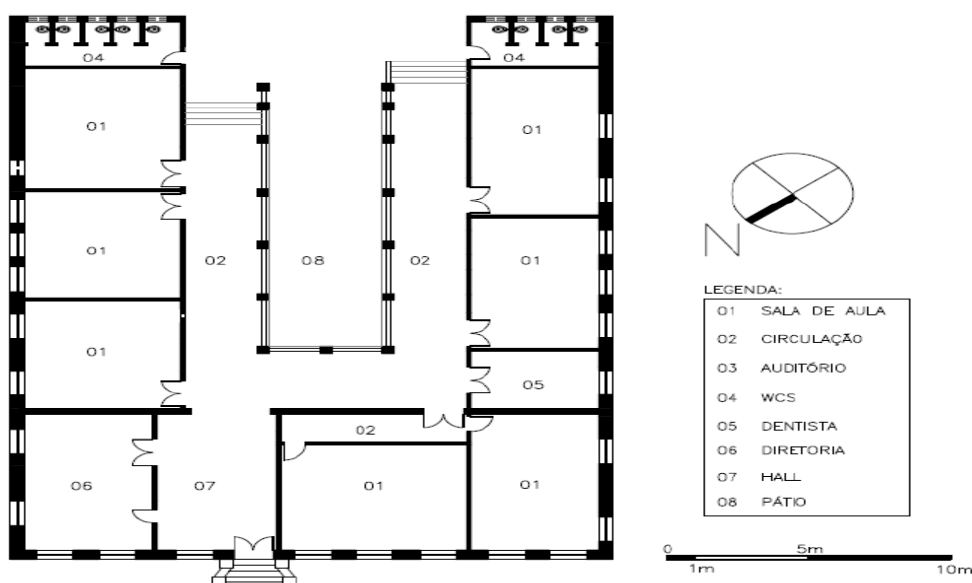
Com a Reforma de 1922, a instituição passou a chamar-se Grupo Escolar do Outeiro - nome do antigo bairro da cidade de Fortaleza no qual ficava localizado. De acordo com o Jornal O Nordeste:

Foram iniciadas, e prosseguem activamente as obras de adaptação do excelente prédio da “União do Clero”, no Boulevard D. Manuel, para que ahi funcione o Grupo Escolar do Outeiro

O prédio, que foi adquirido pelo governo, especialmente para esse fim terá seis excelentes salas de aula, obedecendo rigorosamente à hygiene pedagógica, directoria, sala dos professores, vestíbulo e varanda coberta (O Nordeste Anno I. 18/09/1922. n. 67, p. 2)

Conforme a fonte acima, o Grupo Escolar foi fundado em um prédio adaptado, mas que obedecia rigorosamente a hygiene pedagógica da época, pois continha diretoria, salas de aula, sala dos professores, vestíbulo e varanda coberta. Infelizmente, a fonte não aponta que neste início havia a sala do dentista, porém, a partir do trabalho de tese de Zilza Maria Pinto Santiago, em que reconstitui a primeira planta do dito Grupo Escolar a partir da planta do acervo do DER/CE e, assim, conseguimos ter uma visão aproximada de como era a estrutura da instituição.

Figura 1 - Planta baixa do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua



Fonte: Santiago, 2011, p. 273.

O número cinco na legenda faz referência à sala do dentista dentro do Grupo Escolar. Essa política pública visava a garantir a saúde bucal das crianças como forma de amenizar as várias moléstias que ainda assolavam o estado do Ceará no decorrer do século XX. De acordo com o relatório do Delegado Regional

de Ensino de 1924, Juarez Brasil, no Grupo Escolar Santos Dumont, como se denominava à época, constava:

Diretora - Alba Alencar. Matrícula - 444. Frequência média - 329. Um dos relógios não funciona. A classe do 1º ano, dirigida pela professora Haydée Costa Lima, recebe muito calor, e por isso, sendo preciso fechar as janelas, se torna mal iluminada e arejada. Não há no prédio outro espaço onde possa ficar essa classe. O gabinete dentário continua a funcionar. O dentista executa o trabalho gratuitamente.

Nesse relatório, Juarez Brasil faz suas considerações sobre 17 instituições escolares, sendo uma delas, o Grupo Escolar Santos Dumont. Em suas considerações finais sobre o relatório, ele indica que seria de “bom alvitre” a existência de um corpo de enfermeiras para a educação sanitária dentro dos grupos, pois estas tomariam providências permanentes quanto à higiene escolar.

Aqui, é importante ressaltar que em 1922 foi realizada uma reforma educacional no estado do Ceará, a partir da Lei nº 1953, de 02 de agosto de 1922. Esta Lei ditava as normas pelas quais seriam regidos os grupos escolares, assim como todos os profissionais da educação. Ela vigorou no estado do Ceará até o ano de 1962. Foi pensada pelo Presidente do Estado do Ceará, o intelectual Justiniano José de Serpa. Sendo considerado um político que acreditava na educação como elemento de transformação para o país, foi orientado pelo então Diretor da Escola Normal do Ceará, João Hippolyto de Azevedo Sá a chamar um técnico para ajudar em uma reforma educacional para o Estado do Ceará (Cavalcante, 2009).

Lourenço Filho, aceitou vir ao Ceará com apenas 24 anos. Apesar de jovem e com pouca experiência, já era considerado um intelectual que disseminava a Escola Ativa em oposição ao ensino verbalista. Com três meses de sua chegada, foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública, nesse cargo foi autorizado a fazer a “reforma da instrução pública, desde o recenseamento até a confecção de um novo regulamento, a expansão de escolas, a formação da rede pública, a construção de prédios escolares e a compra de mobiliário, de material escolar e de livros didáticos” (Cavalcante, 2009, p. 21).

Com a Lei, veio o Regulamento da Instrução Pública de 1922, neste ditavam-se as normas para o funcionamento de todas as instituições educacionais do estado do Ceará, assim como as funções de todos os profissionais envolvidos, passando desde o Diretor Geral, aos Inspectores de Ensino, os Diretores dos Grupos Escolares, os Professores etc. De acordo com esse regulamento, os Inspectores de Ensino tinham muitas funções, dentre elas, chamou-nos atenção a inspeção médica, que consistia em:

Art. 27 - A inspeção médica tem por objeto:

- 1) tratar gratuitamente das principais doenças endêmicas e das moléstias de olhos, nariz e garganta, os alunos pobres das escolas públicas e os dos particulares que o solicitarem;
- 2) examinar periodicamente os professores, alunos e empregados dos estabelecimentos de instrução pública;
- 3) aplicar, nas casas de ensino, as medidas profiláticas determinadas pela legislação sanitária;
- 4) vacinar e revacinar os professores, alunos e empregados das escolas;
- 5) verificar se satisfazem às condições higiênicas os prédios onde particulares pretendem instalar colégios ou cursos;
- 6) examinar os professores e demais funcionários do ensino, para a concessão de licença, disponibilidade e aposentadoria.

Art. 28 - Os professores e directores dos estabelecimentos são obrigados a facultar a visita dos médicos escolares, e os que se opuserem às determinações da autoridade sanitária incorrerão nas penas cominadas deste Regulamento (Vieira, 2006, p. 164).

As medidas de higiene e profilaxia eram exigidas a partir da fiscalização dos Inspectores de Ensino. Eles ficavam responsáveis por examinar periodicamente professores, alunos e empregados com o objetivo de tomar medidas sanitárias, caso fosse necessário. Tratar gratuitamente doenças endêmicas, assim como vacinar a comunidade escolar, eram medidas que ajudaram a sociedade daquele período no controle das diversas doenças que assolavam o estado do Ceará ainda na terceira década do século XX.

Apesar de no Regulamento de 1922 não se falar na instalação de consultório dentário nos Grupos Escolares, nota-se que havia por parte do estado uma preocupação com a situação sanitária com esses estabelecimentos. Infelizmente não conseguimos encontrar a lei ou decreto que instituiu os

consultórios dentários nos grupos escolares cearenses, contudo as fontes mostram que eles existiram como iremos analisar a partir de agora.

Retomando o relatório de Juarez Brasil de 1924 mencionado anteriormente, vemos que o dentista do Grupo Escolar Santos Dumont, continua a funcionar e que ele executa o trabalho de forma gratuita. Não conseguimos obter mais informação sobre essa política nas fontes oficiais, não sabemos, portanto, se essa política foi contínua e como era, ou não, a remuneração dos dentistas pelos atendimentos nos grupos, etc. O fato é que nossas fontes deixam crer que ele sempre funcionou no referido Grupo Escolar. Segundo Thereza Almeida, o Grupo Escolar Clóvis Beviláqua teve dois dentistas ao longo do tempo, sendo o Dr. Pedro Malma, o primeiro, e o Dr. Galvão, o segundo. De acordo com Thereza Almeida:

Quando eu cheguei lá, esse Pedro Malma, que era casado com a irmã dela, que trabalhava, já não era mais ele, já tinha saído, já foi outro doutor Galvão, que eu fiquei a vida toda com esse doutor Galvão. Depois ele se aposentou e não tinha mais dentista (Almeida, 2024).

A entrevistada formou-se na Escola Normal entre os anos de 1964 e 1967 e, logo em seguida, foi trabalhar no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua. De acordo com Thereza Almeida, o primeiro dentista do Grupo foi o senhor Pedro Malma, que era casado com uma irmã da Diretora do Grupo escolar Clóvis Beviláqua, Maria Margarida de Castro Almeida. Quando Thereza chegou à escola, o dentista já tinha aposentado-se, havendo outro em seu lugar, o Dr. Galvão. Segundo a entrevistada, o dentista era contratado do Estado e tinha um consultório dentário dentro da escola, com todos os equipamentos necessários. Abaixo, ela explica, com detalhes, como funcionavam as consultas com as crianças:

Atendia todo dia. Ele dava expediente de manhã. À tarde, às vezes ele ia à tarde, tinha os dias lá marcados, mas a maioria era pela manhã. As crianças tinham os dias de cada turma, mas tinha aqueles que acompanhavam a obturação, essas coisas. Aí tinha a hora marcada pra ir. Tinha os horários bem direitinho que cada turma ia, os da manhã e os da tarde. A noite não, num tinha não. Ele ia mais de manhã, parece que os alunos da tarde tinham os dias... eles iam fazer no começo do ano fazia aquele... avaliação. Aí ficava fazendo tratamento, tinha o horário tudinho, entendeu? (Almeida, 2024).

A partir da fala de Thereza Almeida, vemos que as crianças tinham acesso ao dentista durante o horário escolar. Segundo a entrevistada, acontecia uma avaliação no início do ano e, ao longo dele, as crianças iam sendo atendidas de acordo com a respectiva necessidade, durante o horário das aulas. A fala acima nos foi muito cara, pois mostra como a prática da profilaxia bucal foi implantada no estado do Ceará como uma política de Estado através das instituições escolares, durante o decorrer do século XX.

No álbum mencionado anteriormente, encontramos uma fotografia do Dr. Galvão em plena prática de suas atividades com um estudante do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua. A fotografia data de 17 de outubro de 1974.

Figura 2 - Dr. Galvão em atendimento no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua



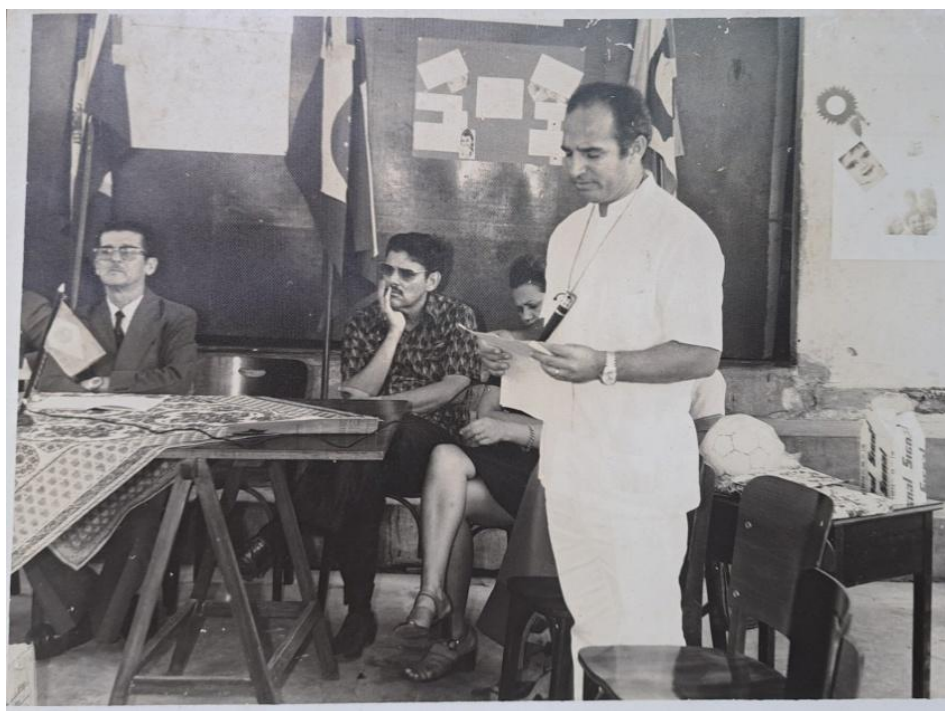
Fonte: Álbum da família Castro Almeida (1974).

A fotografia data de 17 de outubro de 1974. Condizente com a fala de Thereza Almeida, vemos o Dr. Galvão atendendo um estudante juntamente a sua assistente, Joanita, que segundo a entrevistada, trabalhava de manhã como assistente do dentista da escola e, à tarde, no Cartório Moraes Corrêa, em Fortaleza. De acordo com a imagem, o gabinete dentário parece estar

plenamente equipado com cadeira odontológica, cuspideira, refletor, mocho, compressor etc. Tinha tudo para o pleno funcionamento e auxílio na profilaxia da saúde bucal das crianças.

A partir das imagens encontradas nos álbuns cedidos pelos entrevistados, pudemos observar que os dentistas participavam também das atividades pedagógicas como as festividades escolares. Dentre elas, a principal era a semana da saúde bucal.

Figura 3 - Dr. Galvão na Semana da Saúde Bucal no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua



Fonte: Álbum da família Castro Almeida (1974).

A fotografia acima faz um registro técnico de uma atividade pedagógica em que os dentistas também eram inseridos, concebendo a escola como espaço de cuidado e formação integral, uma vez que as práticas de prevenção e promoção da higiene faziam parte da rotina pedagógica e social das crianças inseridas no grupo escolar em tela. Essa imagem parece ser no pátio do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, em 1974. Nela, o Dr. Galvão parece fazer uma fala e, ao fundo, há alguns adultos sentados à mesa, que acreditamos serem professores da casa ou representantes de autoridades.

Importa salientar que esse movimento higienista vem desde o início do século XX, época em que são concebidas estratégias de inserção de políticas sanitárias nos espaços escolares a fim de combater doenças infantis. Conforme pondera Carvalho (2016, p. 411-412),

No campo da saúde, firma-se, nos anos 1920, a convicção de que medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção, nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação. No movimento educacional da mesma década, a saúde é um dos pilares da grande campanha de regeneração nacional pela educação.

Nessa perspectiva, o ideal de regeneração nacional pela educação incorpora a crença de que a escola é o espaço privilegiado para a disseminação e naturalização de hábitos higiênicos — o que se reflete nas práticas pedagógicas, na arquitetura escolar e, sobretudo, na presença de profissionais de saúde, como dentistas, atuando diretamente nas instituições de ensino.

Na fotografia a seguir, é possível observar que o Dr. Galvão entrega um canudo de papel para o Dr. Pedro Malma, antigo dentista do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, algo que acreditamos tratar-se de uma homenagem. Os dois dentistas aparecem também em algumas outras fotografias de festividades promovidas pela escola, o que demonstra que eles participavam ativamente do cotidiano pedagógico da instituição.

Figura 4 - Dr. Galvão fazendo uma homenagem ao Dr. Pedro Malma na Semana da Saúde Bucal no Grupo Escolar Clóvis Beviláqua



Fonte: Álbum da família Castro Almeida (1974).

Importa mencionar que a atuação dos dentistas nas escolas ao longo do século XX trouxe uma mudança de prática não apenas dentro do ambiente escolar, como também nos lares onde essas crianças habitavam no que concerne ao cuidado com a saúde bucal. Isso porque, acreditamos que as crianças levavam as práticas aprendidas na escola para casa, disseminando com seus pais e familiares uma maior higiene e diminuindo assim a quantidade de doenças que assolavam a sociedade do período (Santiago, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar o cotidiano do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, torna-se evidente o papel que a instituição desempenhou na formação de múltiplas gerações. Fundado no início do século XX, o grupo escolar passou por diferentes fases e recebeu diversas denominações ao longo de sua história, refletindo as transformações do sistema educacional e das políticas públicas voltadas à educação básica.

Mais do que um espaço de aprendizagem formal, o Grupo Escolar Clóvis Beviláqua emergiu como um núcleo de práticas que extrapolavam o ensino acadêmico, fomentando valores e saberes voltados para a promoção da saúde e do bem-estar das crianças que o frequentavam.

A integração entre equipe pedagógica e profissionais da saúde, como os dentistas presentes nas atividades, demonstra o compromisso em construir um ambiente que favorecesse não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também a cidadania e a responsabilidade coletiva, evidenciando o caráter inovador e inclusivo desse estabelecimento educacional no contexto histórico da cidade de Fortaleza.

Este trabalho teve como objetivo analisar como se deu a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, na cidade de Fortaleza-CE, como uma prática de higienismo e de combate às doenças infantis, o que possibilitou

refletir, a partir desse contexto, sobre as políticas públicas que envolviam duas áreas afins: saúde e educação.

Diante do exposto, executamos uma pequena digressão a fim de cumprir o ensejo de escrever acerca da história do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua, mas com enfoque no trabalho realizado pelos dentistas que atuavam nessa instituição. Nesse processo percebemos que alguns grupos escolares cumpriam um papel fundamental de cuidado da saúde bucal das crianças, aspectos este que não se dava de forma democrática, uma vez que não se capilarizava de modo mais democrático.

Exercitando o olhar sobre o período em questão, observamos que as práticas educativas no ensino primário estavam atreladas à saúde da criança, uma vez que o objetivo era formar o indivíduo na sua integralidade, fazendo do espaço escolar um ambiente propício ao desenvolvimento físico, mental e social.

A partir disso, compreendemos que a atuação dos dentistas do Grupo Escolar Clóvis Beviláqua e em outros espaços como esse, foi um exemplo dessa política de estado que almejava incutir nas crianças hábitos de ordem e higiene. Contudo, é pertinente enfatizar que as perspectivas analisadas aqui não são generalizantes, o que potencializa novas frentes de trabalho que tenham como foco a temática na perspectiva historiográfica.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2021, 304 p.

BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 9. ed., 5. reimp. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem* / Tradução, Vera Maria Xavier dos Santos - Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção História), 264 p.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (Org.). *O curso de Lourenço Filho na Escola Normal do Ceará: 1922 - 1923: as normalistas e a pedagogia da escola nova*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009, 358 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, 277 p.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; COSTA, Maria Aparecida Alves da. História e memória da Escola Normal Helvídio Nunes de Barros (Bom Jesus, Piauí). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 19, n. 3, p. 856-873, set. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-78062020000300856. Acesso em: 03 set. 2025.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 9 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1990, 318p.

LIMA, Ana Michele da Silva. *Formação e atuação docente de Aída Balaio: biografia de uma educadora negra em Fortaleza-CE (1908-1970)*. 2019. 233 f. Tese (Doutorado em 2019) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=100729>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2021.

SANTIAGO, Zilza Maria Pinto. *Arquitetura e Instrução Pública: a reforma de 1922, concepções de espaços e formação de Grupos Escolares*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós - Graduação em educação brasileira, 2011, 434p. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3037>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SOUZA, Rosa de Fátima. Espaço da educação e da civilização: origem dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, Demerval et al. *O legado educacional do século XIX*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014, 206p.

VIDAL, Márcia. *Imprensa e Poder: o I e II veteranos (1963/1966 e 1979/1982)* no Jornal O Povo. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1994, 254p.

VIEIRA, Sofia Lerche. (org). *Documentos de Política Educacional no Ceará: Império e república*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais Anísio Teixeira, 2006.

Recebido em: 02/12/2025

Aprovado em: 05/12/2025

Publicado em: 26/02/2026